

carlos coutinho

teatro de circunstância



- o cartão
- a teia
- o telefonema
- ritual
- amanhecer

CARLOS COUTINHO

UFLON 1953



TEATRO DE CIRCUNSTÂNCIA



SEARA NOVA

1976

A TEIA

— *A uma companheira de quem
não cheguei sequer a saber o
pseudónimo.*

PERSONAGENS

Taberneiro

Paisano

Mulher do taberneiro

1

Se a gente não tivesse
cabeça nem barriga,
bastava um sinaleiro
em cada cruzamento
p'ra não haver desastres
e tudo ser exacto.

A taberna está deserta. Curvado sobre uma gaveta do balcão, o taberneiro conta a receita do dia.

Entra um paisano que, antes de se aproximar do balcão, percorre por uns momentos a cena toda com um olhar.

PAISANO (*Encostando-se ao balcão*) — Um brande.

TABERNEIRO (*Servindo-o*) — Sim, senhor.

PAISANO — Bem medido.

TABERNEIRO — Como?

PAISANO — Bem medido.

TABERNEIRO — Sim, senhor. Mais nada?

PAISANO — Mais nada.

Curto silêncio.

PAISANO (*Esvaziando o cálice dum trago*) —
Outro.

TABERNEIRO (*Obedecendo*) — Sim, senhor.

PAISANO — Que tal vai o negócio?

TABERNEIRO — Como?

PAISANO — O negócio.

TABERNEIRO — Umas vezes melhor, outras
vezes pior, lá vai dando para as migas.

PAISANO — Mas há aqui uma fábrica em
frente...

TABERNEIRO — É verdade, mas tem can-
tina para o pessoal. E bar também.

PAISANO — Há sempre muito quem não
goste de comer em cantinas.

TABERNEIRO — Isso é verdade, mas em tas-
cas também.

PAISANO — Tem muita gente a fábrica?

TABERNEIRO — Mais de mil operários.

PAISANO — Que é que fazem?

TABERNEIRO — Muita coisa. Sabões, adu-
bos, perfumes, sei lá...

PAISANO (*Esvaziando o cálice dum trago*) —
Outro. De quem é a fábrica?

TABERNEIRO (*Obedecendo*) — Não sei bem.
Parece que é duns estrangeiros.

PAISANO — Americanos?

TABERNEIRO — Acho que sim.

PAISANO — Bem, a fábrica tem setecentos
e trinta operários e duzentos e sessenta indiví-
duos no escritório, administração, etc. E não é
de americanos.

TABERNEIRO — Ah, sim?

PAISANO — Sim. A maioria do capital é
nosso.

TABERNEIRO — Eu cá não fazia a menor ideia.

PAISANO — Tem a casa sempre às moscas como agora?

TABERNEIRO — Não. Até às oito, o pessoal vai parando por aqui. Depois das oito e meia, é que o pessoal começa a debandar e, a esta hora, é o que se vê. Ainda não são dez horas e já cá não tenho ninguém.

PAISANO — Pois é. Mora tudo longe.

TABERNEIRO — Numa redondeza de dois quilómetros não mora vivaiva.

PAISANO — E a sua tasca é a única. Muito bem. (*Esvaziando o cálice dum trago.*) Outro.

TABERNEIRO (*Obedecendo*) — Isto já era do meu avô. Nesse tempo chamava-se botequim. Havia povoação e tínhamos uns quintais aqui à volta. Agora é tudo da fábrica. Só conseguimos manter a tasquita.

PAISANO — Manter?

TABERNEIRO — Sim. A pouco e pouco, fomos obrigados a vender tudo. Eram as dívidas... Eram as ameaças... Com a vinda da fábrica para aqui, as barracas foram todas ao ar. A malta foi toda viver para outros lados. Depois não havia clientela e o negócio ia de mal a pior. O meu pai foi pedindo dinheiro para se aguentar, mas os credores caíram todos na alçada da fábrica e, quando o meu velhote teve de entregar os quintais, foi para as mãos dos donos da fábrica. Felizmente, agora não devo nada, senão, até a tasquita me levavam.

PAISANO — E não levam?

TABERNEIRO — Não. Agora não devo nada. Isto é o meu ganha-pão. Não entrego a tasquita por nada deste mundo.



Titulo: Teatro de Circunstância

Autor: Carlos Coutinho

Editor: Empresa de Publicidade Seara Nova, S.A.R.L.

Oficinas: Guide - Artes Gráficas, Lda.

Tiragem: 3200 ex.

Acabou de se imprimir: Em 25 de Março de 1976